



N.º 29 — LISBOA — 1 DE AGOSTO

I ANNO 1900



A

PARODIA

PREÇO DA ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADIANTADO)

Lisboa e províncias, serie de 26 numeros... 500 reis
32 13000
Cobrança pelo correio custa... 100
Africa e Estrangeiro, accresce o porte do correio.
Vende-se em Paris no kiosque, 10, boulevard des Capucines (GRAND CAFE).

EDITOR — CANDIDO CHAVES

Publica-se ás quartas-feiras

CARICATURAS DE RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

E

M. GUSTAVO BORDALLO PINHEIRO

Administrador — GONZAGA GOMES

Administração — RUA DA BARROCA, 115, 1.º

Composição: Min. Peninsular, 111, R. da Atalaya, 15

Impressão: Lythographia Artistica,
R. do Jardim do Tabaco, 92 a 96

Preço avulso 20 réis

Um mez depois de publicado 40 réis

HAMLET



Hamlet — «Vae para um convento!...

A Batota — «Pois sim, meu senhor... Mas sempre quer que lhe escreva?»

CHRONICA NENHUMA

Lisboa é uma cidade deserta. Das suas tresentas mil almas, apenas restam, vagueando pelas ruas sombrias e abafadas da Baixa, algumas pobres almas do diabo, que não tiveram meio de abandonar a capital e vão curtindo amarguras na noite triste dos tempos.



Tudo o mais se foi. Tudo o mais partiu. E para onde?

Curu-cu-cu
para onde is?
Curu-cu-cu
Vou p'ra Paris!

Foi tudo para Paris. Vae tudo para Paris.

E' uma loucura, é uma febre, é um desvairamento.

Os ricos enchem os compartimentos do *Sleeping-car*; os remediados tomam o rapido de Medina; os mais pobres vão no comboio ordinario, empacotados, amarrados em correias, embrulhados em jornaes com cordel em volta.

O sacrificio a que a maior parte da gente de Lisboa se sujeita para não deixar de ir á Exposição é, por vezes, heroico. Esta ambição desmedida de ir ver pelos proprios olhos, de constatar pelo exame directo, quantos progressos realisou a humanidade no periodo dos ultimos dez annos, — seria a mais nobre ambição d'um pequeno povo como o nosso, se não se dêsse o caso de elle se mostrar muito interessado com o progresso alheio, e tão pouco interesse tomar pelo seu proprio progresso.

Mas, ainda assim, é um bello espectáculo o que Lisboa offerece, neste momento, a olhos perscrutadores.

Todas as manhãs, uma multidão de viajantes invade a gare dos Caminhos de ferro do Norte, e assalta os comboios alinhados e promptos a partir.

São familias inteiras, são grupos de amigos, são casaes, são pessoas sós, independentes, com porta para a escada, que acorrem de todos os bairros da cidade, e se precipitam, numa onda, sobre os compartimentos de todas as classes.

Com o que toda essa gente menos se importa é com a commodidade da viagem, que afinal é rapida. Arranjam-se todos de qualquer maneira, seja como fôr, ao Deus dará.



Ha familias que occupam apenas o logar de uma pessoa só. Primeiro, senta-se o pae. Depois a mãe, nos joelhos do pae. Depois a filha mais velha, aos hombros da mãe, e com cada um dos irmãos mais novos debaixo do braço. O pae mette numa das algibeiras do guarda-pó o filho mais pequeno, que ainda mama, e mette na bocca do filho um biberon.



Quando todos os logares estão já occupados, os que chegam depois trepam para as rédes da bagagem, e lá se accommodam, como quem accomoda malas de mão, ou em camadas sobrepostas, como sandwiches.

Por fim, não havendo já nas rédes o menor espaço a occupar, os mais retardatarios deitam as mãos ás barras de ferro que supportam o peso das bagagens, e vão dependurados, como em barras fixas. Outros passam uma corda á roda do pescoço, e enforcam-se, como Papuss, durante dois dias e uma noite.

Tudo isto se passa no meio d'uma grande folia, d'um contentamento indescriptivel, que só visto. E quando chega, durante a viagem, a hora do almoço ou a hora do jantar, ha sempre um companheiro engraçado que



conta historias alegres, e toda essa gente toma então grandes barrigadas — de riso. O que lhes dá ainda em resultado passarem muito melhor de que os passageiros que vão nos wagons com restaurante, onde tambem não se come, e onde se fica comido.

N'estas condições, a ida a Paris tornou-se um prazer accessivel a todas as algibeiras, e sobretudo ao alcance de todas as intelligencias. Só não vae a Paris quem não quer. Estas viagens assim, em taes circumstancias de tempo, de modo e de logar, são a ultima palavra da commodidade ferro-viaria.

A consequencia natural, immediata, é não ficar viv'alma em Lisboa. O que resta saber é se quando toda essa gente chega ao termo da viagem vae alguma pessoa ainda viva!

Pois se assim não acontecer, se com effeito toda essa gente chegar

às portas de Paris como quem chega às portas da morte, melhor ainda. Seguindo as últimas informações do nosso amigo Xavier de Carvalho, as dificuldades de instalação na grande capital tocam o seu máximo. Não ha meio de encontrar um quarto, nem uma cama, nem uma bacia. Está tudo tomado.

O unico recurso consiste em mandar reservar um logar no Père-Lachaise. Como se sabe, o Père-Lachaise é uma especie de Grandes Hotéis do Trocadero, onde ha sempre quartos disponiveis, por maior que seja a concorrência.



Sómente, no Père-la-Chaise, não ha quartos: ha cóvas. Mas excellentes cóvas, nas melhores condições de luxo e de conforto, com grandes janellas de saccada para os Campos-Eliseos, mas para os verdadeiros Campos-Eliseos! O Père-Lachaise não é por certo o primeiro hotel, mas é talvez um dos primeiros cemiterios de Paris. Os Srs. Congressistas da Imprensa têm 20 % de abatimento nos preços da tarifa.

A melhor maneira de chegar a Paris, n'este momento, é chegar defuncto. Mas ainda assim é necessario muito cuidado com as exigencias dos cocheiros.



PROSADORES E POETAS DE RILHAFOLES

III

N'essa tarde, Valentina Lopes sentia-se mais abatida, toda banhada n'uma funda melancolia, que dava lagrimas aos seus lindos olhos pretos. Soffria. Enovelada no sophá, quem a diria o mais lito busto de mulher, que até parecia gallinha! Soffria. E os seus lindos dentinhos rasgavam a fina cambraia do pequenino lenço. Ralada de ciumes, reconstruía scenas iúbricas do marido com a outra, a esculptural morena, a pasmosa trigueira. Via Fernando halucinado beber soffregamente nos labios d'essa rival todo um manancial de delicias.

Dependant, a porta abriu-se e o marido entrou com passos lentos, sorridente, gentil homem e esfaldado.

— «Como passa, minha boa amiga?» Ella não respondeu. O dito gentilhomem sentou-se ao lado da bella dolorida e tomou entre as suas a mão da condessa, fria como a de uma serpente.

Então, como leda ferida, soberba de ironia caustica, Valentina levantou a cabeça e disse-lhe com uma casquinada secca:

— «Meu bom amigo, vá dar um beijinho ali á preta!..»

FIALHO D'ALMEIDA.

IV

O cortejo que leva a extrema-uncção,

Vae triste e vae calado;
Calado e triste o povo agglomerado;
Triste e calado o padre e o sachristão!

E o cortejo ao voltar da extrema-uncção,

Vem triste e vem calado;
Calado e triste o povo agglomerado;
Triste e calado o padre e o sachristão...

Diz uma voz em ar de chasco,

—«Moita, carrasco!

CONDE DE MONSARAZ.

V

Ainda se isso obedecesse ao ideal fonético de se representárem as pálvras como se pronunciam, poderia a coisa sustentar-se por meia hora; mas não: quem escreve *Brazil* pêrpêtra vianna, já se vê, a incôherência, de iscrever *musa, sorriso, tósa, meza, fuso, rosá, casá*, etc.; de maneirá que *Brazil* é doença esporádica ou bertoejá localisada, que é preciso trátar, pãr se não alástrár muito, cõvindo applicár-lhe pomada de Etymologia com sementes de Syntaxe moída, como a paciencia do leitor bênévolo.

CANDIDO DE FIGUEIREDO.



Pum! Pum!

Referindo-se a uma visita do ministro da marinha ao cruzador *D. Carlos*, diz no *Jornal do Commercio* o nosso Carrelhas:

«Porque o sr. conselheiro Teixeira de Sousa ia para vêr, para examinar, para se inteirar, ía, em summa, em visita de estudo, íe-la, como se fazem as coisas simples e sinceras, sem aparato, dispensando o *pum! pum!* (e isto 19 vezes) de circumstancia, que é estroendo e fumo, boa e exacta imagem da vaidade, mas ceremonial a que, por vezes, não se pode fugir.»

Isto, o Teixeira de Sousa,
Não tem feitiço nenhum!
Não descança, não repousa,
E faz visitas sem *pum!*
Ora o Teixeira de Sousa!
Parece tudo sarum!
E' que não gosta da cousa
Ou não tem geito nenhum!

NA AVENIDA



Adelino Goes de Brito
Morador em Riba-Mar
E' o homem mais bonito
Que se pôde imaginar.



O ESPELHO DA VERDADE



RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

Dois amigos. tão amigos, que quando um se vê ao espelho, vê-se o outro no aco.

Perfi
Lá-Si-Mões Barbas



RAPHAEL BORGALHO PINHEIRO

OS ALBERTOS

A pessoa bem segura
Ovi dizer — e é certo,
Que em Portugal todo o Alberto
E' falho em litteratura.

Braguinha, faz grandes galas;
Alfazema, folhetins;
Um, é o fossil das saias,
Outro, o fossil dos jardins...

O Bramão, enfatuado,
Inventou o Cantagalho;
Mas foi elle a invental-o
Ou foi elle .. o inventado?

Dois Albertos — sina minha! —
Que nem eu sei qual dos dois,
Como o ovo e a galinha,
Foi o que nasceu depois!

O das *Palavras* é esperto:
Separo, d'esta maneira,
O poeta que fica... *alberto*,
Do prosador... *d'Oliveira*.

Inda, por desgraça nossa,
Lembro um, cheio de manha,
— Orpheusinho d'obra grossa
Com prefacio de João Penha...

Bom de lei, não vejo um:
E' uma miseria extrema!
Pois se até o *Alfazema*
Não tem talento nenhum!

Lendo hontem o Julio Dantas,
— *Alfazema*, não te esfolles! —
Vi que eram todos Albertos
Os poetas de Rilhafolles!

Se tiver de dar pancada
N'algum dos meus detractores,
Não o insulto, não, senhores,
Chamo lhe Alberto, — mais nada.

Não ha mais vivo desdoiro,
Nem mais profundo, por certo,
Antes, oh, sim! morrer moiro,
Do que chamarem-me Alberto!

Dão cabo de uma creança
Se o chrisma não a desforça:
— O grande Fernandes Pança
Chama-se Alberto, por força!

Quem tiver filhos Albertos
Não bata nos desgraçados:
Talvez fossem muito espertos
Se não fossem baptisados!

Bacharel formado em viola pela Universidade de Coimbra.
O verdadeiro e original poeta do violão.





A SITUAÇÃO POLITICA

(ARTIGO DE MUITO FUNDO)

O gabinete actual, chamado pelos progressistas ministerio de verão—verão vocês o tempo que elle dura!—está realmente sob a acção deprimente de um calor de forno.

Ninguém pensa em o zurzir - o que seria realmente um cumulo, attenta a suadela de que são victimas os srs. ministros, que transpiram da cabeça aos pés, livrando-se assim dos epithetos de cabeças de vento e pés frescos. Com os ventres deaempedidos ainda ss. ex.^{as} estão, por razões que são obvias, como diria alli o amigo Navarro.

Mas, realmente será este um ministerio de verão? Entrarão pelo inverno os srs. ministros da marinha, fazenda e obras publicas, que o famoso Alpoim, escrevendo torto depois do jantar do arcebispo de Braga pelas linhas direitas da sua conducta irreprehensivel, dá como descontentes?

Estará o sr. Teixeira de Sousa farto do sorvete nunca d'antes navegado da marinha? Achar se ha o sr. Andrade aborrecido em frente do cacharoleto gelado das contribuições dir e indirectas, dos coupons, das reclamações de credores? O sr. Pereira dos Santos preferirá um banho á fastidiosa caramunhada da caramunha dos fornecedores?

Só elles o sabem e mais o Supremo Architecto... civil e Archeologo portuguez, que é o sr. Hintze Ribeiro, que não se desocose e limita a sua acção presidencial a manter os collegas nos seus postos, fazendo-lhes servir continuamente gelidos bebetes.

- A um!
- Uma!
- Venha outra!

Grita s. ex.^a com os olhos fixos nos camaradas que chucham pela palhinha da má vontade a triaga horrivel da publica governação.

O sr. Hintze, que toda a gente sabia um valente, sae-se agora o Valentim, não do Martinho mas da situação. Tem menos nariz mas tem mais tesura.

Quando se resolver a alijar os seus collegas, fal-o-ha com energia maior que a dispendida pelo Valentim do Martinho ao pôr na rua os rapazes que vendem cautel-las.



— Ide para os infernos, diabos! diz este. O sr. Hintze exclamará:
— Anjinhos, á bemaventurança, que se faz tarde!

UM DITO

Dizia um poeta a D. Claudia de Campos (Collete).

—«Só conheço duas mulheres verdadeira-mente bonitas...»



F. D. Claudia reclinando-se no boudoir:
—«Qual é a outra, diz-m'o? ...»



LI-HUNG-TCHANG



O VICE-REI CIRCULAR

Sem sombra de piada ao ex-ministro das circulares.

Os apreciados vinhos da casa —Wenceslau— são indispensaveis em todas as mezas.
Deposito —20, Praça de Luiz de Camões.
Telephone, 907.

MACHINAS DE ESCREVER «YOST»

R. dos Retrozeiros, 35, 1.º D.º

AGENCIA NACIONAL

DIRECTOR: AUGUSTO SOARES

Anuncios para os jornaes do paiz e estrangeiro.— Afixação de cartazes.—Publicidade em todos os generos.

Coupures de journaux sur tous sujets et personalities.
RUA AUREA, 178.—TELEPHONE: 286

Codigo Commercial Telegraphico «Ribeiro»

O primeiro codigo geral telegraphico publicado em lingua portugueza.

R. do Alcirim, 20-A

A. L. FREIRE



Com ateliers de gravura e grande estabelecimento de papelaria e officinas de typographia, lithographia e encadernador, fabrica de carimbos e suas machinas, armazem das lettras esmaltadas, retratos a crayon, cutelaria, ferragens, perfumarias, etc., fundados em 1882.

Telephone 043.
RUA DO OURO, 158 a 164

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

SERVICO DOS ARMAZENS

Forneoimento d'oleo mineral

No dia 13 de Agosto pela 1 hora da tarde, na estação central de Lisboa (Rocio) perante a commissão executiva d'esta Companhia, serão abertas as propostas recebidas para o forneoimento de 300000 kilogrammas d'oleo mineral escuro.

As condições estão patentes em Lisboa, na repartição central dos armazens (edifício da estação de Santa Apolonia) todos os dias uteis das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, e em Paris nos escriptorios da Companhia, 28 Rue de Châteaudun.

Lisboa, 11 de Julho de 1900. — O director geral da Companhia, Chapuy.

O EXTRANGEIRO NA PARODIA

O pagode chinex

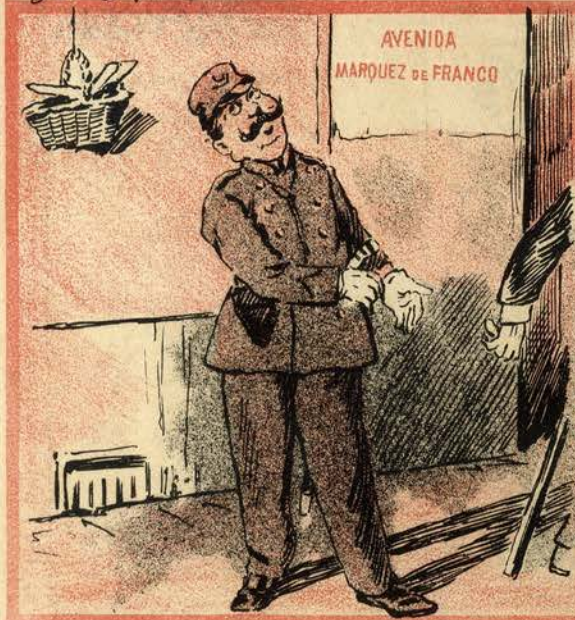
Do "Lustige Blätter" de Berlinn



D'antes era elle que abanava com a propria cabeça.



Agora abana, mas com a cabeça dos outros.



Faço guarda e sentinella
A' casa de um figurão,
A sopeira dá-me trella,
Dá-me a gorgeta o patrão.



O serviço á Mouraria
Mer'cia paga dobrada,
Não tem noite nem tem dia
E rende a sua facada.



Tenho tudo quanto é bom,
Nem faltam bellas papanças,
Tenho esta gaja do tom
Que int'e me paga as fianças.



Já não tenho pae nem mãe!
E n'este abysmo profundo,
Sem gaja, nem mais ninguém
Só tu me restas no mundo!